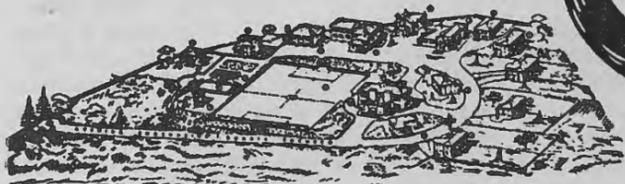




O Gaiato

1 DE JUNHO DE 1968
ANO XXV — N.º 632 — Preço 1\$00

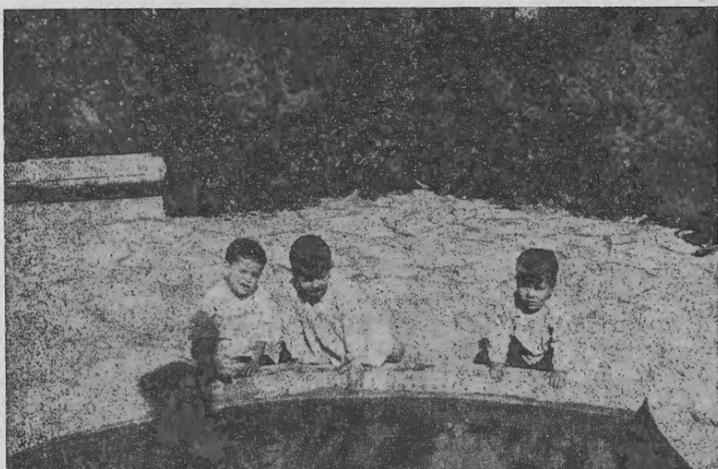


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENA
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Jorge, Eurico e «Pinguinhas» são as relíquias mais queridas da Casa de Lisboa. No ar feliz e despreocupado ninguém pode ler o drama que está por trás...

Um não tem oficialmente pai e foi abandonado pela progenitora, que lhe infligia, aliás, maus tratos; os outros dois são orfãos de mãe, assassinada pelo marido, a cumprir prisão maior em local adequado. O primeiro já tem mais de um ano de casa e fez há dias 4 primaveras; os dois irmãos completam em breve um ano de permanência aqui, o mais velhinho, de 4 anos e o mais novo sem ter ainda três. Eles são o encanto da Casa, o alvo das maiores atenções e do mais sentido carinho por parte de todos, senhoras, rapazes e padre. Compreendê-los bem, melhor do que nunca, o «deixai vir a mim as criancinhas» do

Aqui Lisboa

Mestre ao contemplar estes nossos queridos filhos e sentimentos mais claramente porque faltam vocações autênticas, femininas e masculinas, ao serviço directo dos irmãos mais carecidos de amparo e de desvelo.

Uma das notas mais reconfortantes advindas da presença cá em Casa dos pequeninos em causa é a que resulta, sem dúvida, dos cuidados e mimos proporcionados pelos Rapazes aos seus irmãozitos mais novos. Eles trazem-nos ao colo, eles dão-lhe comida, eles fazem trinta por uma linha para os divertir. Nós gostamos de ver tudo isto, às vezes parecendo que não vemos nada, para não estragar quadros de beleza infinita, que só as Almas grandes, como foi a de Pai Américo, conseguem gravar por escrito ou na tela. Não raro, um ou outro Rapaz, de feito mais

agreste ou de aparência mais rude, consegue demonstrar-nos a não razão de ser de certas dúvidas ou preconceitos. Neste debruçar sobre os irmãos mais novinhos há um enriquecimento bem patente de todos, que nos consola também, e a todos fecunda, sem falar do contributo ao próprio equilíbrio afectivo de cada um, tantas vezes sem uma carícia até à sua chegada à Casa do Gaiato. Deus seja louvado.

x x x

O «Piloto», de 14 anos, fugiu. Passado um mês regressou. Pouco tempo foi preciso para reconhecer onde era o seu lugar. O seu carácter difícil tem-nos dado não poucos amargos de boca. A sua «experiên-

Continua na TERCEIRA pág.

Filhos ilegítimos?

A extensão do último artigo não me permitiu acrescentar qualquer comentário ao que nele relatava. Aproveito hoje fazê-lo.

A primeira impressão é o agrado de quem encontra um patriócio em terra estrangeira. E um patriócio que se ignorava desde há 25 anos! Que saboroso o seu achamento!

Realmente, quem «aprecie o problema da assistência infantil» e se «confranja» e se comprometa em afirmar «necessário atacar o mal na origem», responsabilizando «os pais dos filhos ilegítimos» a respeito «destes inocentes» — é um Homem que Diógenes continuaria procurando à luz do sol com uma candeiã. No Céu, onde ambos se terão já encontrado, Pai Américo há-de regozijar-se com esta voz que se levantou numa assembleia de **homens-bons** do Porto, quando ele para aqui veio gritá-la «sobre os telhados» — grito de à **cruzada**, «procurando evitar o despresos a que são votadas as crianças».

De resto é tão cordata a posição do proponente de então, que nem ele advogava para os filhos ilegítimos «o direito à fortuna deixada pelos pais, mas apenas o direito aos alimentos até aos 21 anos, ou daí em diante, no caso de incapacidade!» Posição, aliás, compreensível numa época em que a mente dos cristãos estava tão mais presa no legalismo negativo da Velha Aliança que até o nosso proponente citava como do Evangelho o **não faças aos outros o que não queres que te façam a ti**, quando Jesus, sem abrogar esta máxima, a veio aperfeiçoar com nova fórmula: **farás aos outros o que queres que te façam a ti**. Ora o que não quererá que lhe fizesse o pai, aquele homem a quem aconteceu nascer na legitimidade, se lhe tivesse acontecido tal na ilegitimidade?!

Mas ele tem palavras mais fortes na defesa da justiça elementar devida «às famílias das pobres criaturas que vêm da aldeia e são lançadas aqui à prostituição», ao afirmar que estas «lhe merecem tanto respeito ou mais do que a dos sedutores».

E é mais arrojado ainda ao afrontar um farisaico conceito social então em uso (e se hoje menos, só porque a desmoralização atingiu também mais profundamente o sexo feminino!) que não imputa equitativamente o dever moral a homens e mulheres, propondo que sejam compelidos os sedutores «ao sustento e educação dos menores (...), não sendo permitida a defesa que se baseia no mau comportamento da Mãe». Pois também deste hão-de ser as crianças as vítimas?!

Continua na SEGUNDA pág.

Areias do Cavaco

Por notícias trazidas pelos vendedores de «O Gaiato» chegam até nós queixas do nosso silêncio nas colunas de «O Gaiato». Têm razão «O Gaiato» é nosso mensageiro; e esta inquietação dos leitores revela o interesse que têm pela nossa vida. Desde o início assim tem sido. O povo viu na Casa do Gaiato uma Casa sua,

cujas portas estão sempre abertas. «Somos a porta aberta», dizia Pai Américo. E a porta aberta dos muitos interessados é «O Gaiato».

Escrevemos esta crónica da Casa Mãe, há pouco tempo definitivamente ocupada. Aos que nos perguntavam pelo dia da inauguração dizemos que já foi.



nosso coordenou e gostaria de ver publicados e mais um volume de «O Barredo».

Desejava saber como Pai Américo antevia a solução do complexo de problemas humanos do Barredo. Daí esta carga de livros, para ver com os seus olhos e ouvi-lo, já que lhe foi dado por Deus a sabedoria de antecipar décadas às perspectivas da Caridade no campo de Assistência Social.

Dezasseis anos passados sobre a publicação de «O Barredo» (e tendo este fogo ateado no coração dos portugueses), os barredos continuam a ser problema social número um do Porto e de toda a Nação. É verdade não ter sido em vão que Pai Américo pegou lume ao rastilho; não.

Aproveito uns dias de descanso para, no silêncio dos claustros dos Monges de S. Bento, recompor o corpo e o espírito dos desgastes dos últimos meses e rever alguns problemas que me preocupam.

Trouxe três volumes de escritos de Pai Américo que Amigo

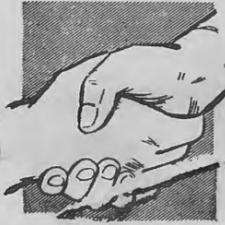
Continua na TERCEIRA página

Os jornais não falaram. Não houve o tradicional «copo de água» nem os habituais discursos. Ocupámos e a inauguração fez-se.

O peso das responsabilidades que cai sobre nossos ombros, neste momento, não nos deixa festejar o acontecimento, à maneira do mundo. Além de que ainda não é o fim.

Demos apenas os primeiros passos. Olhamos o futuro. Sabemos o que há a fazer. Não é possível parar, antes do fim. Somos impelidos a andar pra frente. Vivemos e drama da centena e meia de rapazes que

Continua na TERCEIRA pág.



Auto- Construção

Como lançar Auto-Construção numa terra? É uma pergunta que nos têm feito, graças a Deus. E muitas graças a Deus ainda porque, ultimamente, tem sido feita com mais frequência. Então como lançar Auto-Construção numa terra? Tem de haver alguém nessa terra que acredite no movimento. Não é essencial saber muito, nem mesmo ser rico. É preciso, sim, ter fé e perseverança. É ou não Auto-Construção um movimento de ordem educativa, moral e social por que vale bem a pena lutar? Trata-se ou não de uma causa grande e bela que justifica trabalho e canseiras? Será ou não um caminho que pode ser seguido por muitos? Para se lançar o movimento numa terra terá de nessa terra haver alguém que acredite na necessidade, viabilidade e beleza de Auto-Construção. E ainda a grande humildade de, de ante-

mão, se sujeitarem a um possível aparente fracasso. Depois formar 2 ou 3 trabalhadores que venham a ser Auto-Construtores conscientes. Este trabalho indispensável nunca se fará com grupos grandes. Nunca. Dar-lhe a noção do trabalho em comum e da sua necessidade. Transmitir-lhe o sentido dos outros. O Auto-Construtor consciente terá que ser compreensivo, generoso, tolerante, capaz de perdoar. Quem não for capaz de perdoar também nunca será Auto-Construtor responsável. Entenda-se bem que não é necessário que todos os membros da equipa tenham estas qualidades. Se assim fora, dificilmente haveria Auto-Construção. É, sim, necessário que em cada equipa haja dois ou três elementos com estas qualidades indispensáveis. Esses dois ou três elementos serão o fermento, ou talvez melhor os

alicerces, as traves mestras, as colunas, no decorrer das obras naquela equipa. Não esquecer que o trabalho é demorado e difícil e que, num grupo, há sempre quem não cumprirá bem. Na última fase de formação completa da equipa os primeiros iniciados e convidados deverão ter um papel muito importante. Eles serão também responsáveis pela escola e mesmo pela formação dos seus companheiros. Saberão dizer do que se trata. Medirão bem as responsabilidades e os efeitos da sua actual escolha. Eles irão dizer a este e mais aquele do que se trata. Sem precipitações, a equipa de oito, dez ou doze elementos acabará por aparecer. É o momento de pensarem num compromisso que todos discutirão e assinarão. É também o momento já de depositarem uma importância como jóia de entrada e de darem início a um depósito feito semanalmente.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

«Não humilhes o doente com tua esmola». Este dístico foi colocado aqui em placa visível para ver se acabamos com o tostão deposto piedosamente na mão dos nossos doentes. É uma ofensa que lhes fazemos. Muita gente gosta da existência dos Pobres para mostrar a caridade que possui, mas que não o é, porque simples vaidade e orgulho. Basta de humilhar o Pobre! A discreção é uma virtude tão difícil! Por isso somos tão poucos os discretos!

Nesta coluna tu não vens humilhar os doentes que aqui temos, porque te escondes. Vens dizer que os amas sem que fi-



quem sabendo se és rico ou pobre como eles.

Maria Amélia com 50\$. Mãe e filha de Lisboa com o dobro.

Maria Serapicos com 700\$00 e muito carinho. Outra Maria, do Largo do Padroado com 200\$. Doente para doente com 20\$. Maria José com 100\$. Ernesto com metade todos os meses à porta do Lar. M. Efigénia com 100\$, vindos de Coimbra. Adriana duas vezes com 50\$. Professor com mil para ajudar a tapar um buraco. M. Helena do Estoril com remédios e 50\$. Laura de Benfca com dez vezes mais. Alguém de Vilar Formoso entrega roupas. Amália com 150\$, e mais 40\$ de sua filha. A cotização do Banco de Portugal «para nossos irmãos doentes» tem vindo certa. De novo a Oferta. Também outra vez a assinante 19109. Médico de Carção com 50\$. Uma migalha pela conversão do mundo. Casal de octogenários imploram a benção do Alto para os dias derradeiros da vida e querem que sejamos solidários com eles. Portuense qualquer fiel ao compromisso. Humilde portuense também todos os meses. O avô já passa de 7 anos que vem contando os meses do neto amigo com 50\$ em cada um. Serafim de Gaia com 20\$. Alguém entrega um óbulo por alma de Alice. Sara, roupas. José, de Perosinho 100\$. Maria, 20\$. João de Gondomar 50\$. Maria Antónia, de Lisboa, 1.000\$. Viúvo com 20\$. Miquelina com 300\$. Rita com 550\$. Alguém pede oração. É a comunhão dos santos. Este vem aflito com nossas aflições e traz 500\$. Laura 20\$. Anónima da R.

fugir?! — Assim reagiram uns. Outro afirma que «já nos tribunais se facilita bastante as acções de investigação de paternidade ilegítima!?!»! E dá o testemunho da «sua sensibilidade, do seu coração debruçado sobre todas as desgraças». — Que é da Inteligência?, da Justiça?! Não terão papel na acção social?!...

E em todos se encontra a ideia, muito mais burguesa que cristã, da intangibilidade da família legitimamente constituída.

Legítimo, em língua cristã, significa santo e santificador. Não me consta que tal sejam necessariamente as leis dos homens!

Filhos ilegítimos?

Cont. da PRIMEIRA página

E, à maneira de um aviso (que, se fôra preciso considerar profético, se está cumprindo à letra, desgraçadamente!), proclama que «a sua proposta não ofende a família nem a religião; impõe apenas as responsabilidades nascidas de um acto, cuja impunidade vai corroendo a família e a própria nacionalidade».

A outra impressão que me deixou a leitura desta Acta, é a tristeza da oposição que o proponente levantou na Assembleia. Que linda, viril e honesta maneira de encarar um problema: virar-lhe a cara e



MALANJE

Desencorajado, pedi o meu cafézinho habitual no primeiro bar aberto — para ganhar ânimo. Bater às portas e pedir é uma violência forte contra nós mesmos. E neste clima de Luanda que abate e fatiga!

Geralmente, peço para falar aos Snrs. Directores.

A minha bata branca é uma estampa projectada nos corredores!

Eles acabam por suportar a minha entrada. Ouvem. E se inclinam no dar — com carinho até.

Não há maus. A nossa vida pesada é que nos empresta a máscara de duros. Mas como não é nossa, no primeiro momento, cai.

Quem pode resistir às crianças em abandono?

A minha bata não é nada... São eles no apelo urgente. Nada me pode impedir o caminho aos que podem! Eles, como eu, querem um mundo melhor...

x x x

Foi feliz a nossa Páscoa. Cheia de paz.

Veio o Senhor e o nosso pároco a benzer-nos a casa.

Vieram muitos amigos com as amêndoas:

Uma Snra. professora com cem; um casal amigo, como de costume, com mil; Sr. D. Pompeu, que nunca falta, com 1.500\$; a Snra. Doutora, que vem todas as semanas com ovos, também 1.500\$; um Sr. Doutor com 250\$; um casal que em todas as festas nos acarinha, 250\$; e já na tarde de Páscoa, um casal que beijou o Senhor connosco, chamou-me à parte e entregou-me um envelope discreto e pesado. Tinha 17 mil! E eu que andava aflito com umas facturitas apressadas... Foi um alívio.

das Papoilas, 50\$ todos os meses. Arminda com 50\$. Aida com o dobro. Odete com 20\$ e diz que vai ser mensal. Senhora idosa com 100\$. Uma promessa de 400\$. «Para o objectivo mais conveniente», 500\$. Estão aqui 1.000\$ sem indicação. Raúl do Porto com os 100\$ do costume. Mavilde com metade. M. da Conceição com 180\$. Antónia com 100\$. De Braga um senhor, dos muitos que ali há, com 40\$ mensais. Está aqui «um primeiro aumento de pensão para o Calvário que tanto estimos». Anónimo de S. João com 100\$. Berta com 200\$. Maria Emília com 125\$00. Raúl de Aveiro com 100\$. Gertrudes, do Areeiro, com 1.000\$. Doadora de sangue com os 20\$ do costume. O assinante 16264 descansa-se que tem vindo regularmente. Outro aumento de pensão de reforma. Raúl do Porto torna. J. S. com 50\$. M. J. com igual quantia. Lina, de Luanda, com 400\$. Uma promessa de 200\$. M. Dinorah com 5.000\$. Esta mãe pede que Deus lhe ajude a criar sua pequenina Anabela. Outro aumento de pensão de professora aposentada. Resto de contas caseiras, 62\$. Equipe 18

Não estranhem que o Senhor tenha lá um fraquinho por todos aqueles que sabem desapegar-se de si mesmos e ir ao encontro dos outros.

De Luanda: Aquela senhora da Siderurgia, muitas vezes com 50\$ ou 100\$, não diz nada, só manda escondido numa folha branca; aquele casal — da primeira hora, que nos acolhe na casa da Ilha — com 5 mil; o nosso amigo Sr. Borges Leitão veio de longe com uma achega para os instrumentos. A primeira modinha há-de ser à sua saúde.

De Cambambe: O casal V. Garcia, outra vez com 500\$; uma senhora viúva, 100\$; outro amigo despejou o bolso à entrada da capela.

E muitos que já não me lembro... mas que Deus não esquece.

x x x

O tractor potente dos Serviços de Agricultura começou a fazer a nossa barragem para rega. Um acontecimento feliz! O tractor ronca de manhã até à noite! Ronca e bebe cem litros de gasóleo por dia!

A Mobil deu-nos mil; a Texaco, mil; a Fina, 600; a Petrangol, 400; a Shell, 600; a Sacor ainda não sei.

Quando este se acabar, por certo não vou dizer ao Senhor que mude a água no dito, seria um atrevimento.

Aqui estou pois, à tua porta, com um tambor vazio.

Padre Telmo

Visado pela

Comissão de Censura

do Porto com 240\$. João Manuel com 400\$. Aida com 100\$. Agradecida com 50\$. Anónima com outro tanto. Grupo de funcionários de M. A. Costa com roupas. Alguém com 50\$ para o seu Totocalvário. Alda com 50\$. M. de Lourdes com 20\$. «Mulher sem importância» com 250\$. Há tantas com ela que não se lembram dos outros! Talvez por isso mesmo!... Pecadora que espera protecção de Deus com 100\$. Assinante 28373 com 500\$ de Santarém. Viúva de um porteiro com 20\$. Adalberto com 100\$. Madalena com outro tanto. Outra viúva, e outro anónimo. A. Ramos com 50\$ todos os meses por sua mãe. Dr. da R. de Sá da Bandeira uma presença. E este «desde que vos aceitei como parte da minha vida, esta tem-se transformado para melhor». É que dar é sempre receber! Maria do Resgate com 500\$. J. Fonseca com 300\$. M. José com 50\$.

De Ferreira do Alentejo 20\$. De Santa Cruz da Beira. 100\$. De Santarém 200\$. Da Amadora 20\$. De M. 50\$. E de Elvas, 50\$. E breve continuaremos esta presença.

Padre Baptista

BARREDO

Continuação da PRIMEIRA pág.

Hoje já lá se vê obra de valor como o Centro Social.

Sabemos de muitas pessoas para quem o Barredo é espinho que fere e faz sangrar. Benditos espinhos! É do sangue que sai a redenção e o Barredo é terra a redimir.

Para fazer do Barredo terra de redenção, torna-se necessariamente urgente que quem sangra dê as mãos em comunhão de sacrifícios e energias, fazendo todos um só elo — e assim só se resolverá de raiz os problemas do Barredo.

É por falta desta união que quem anda por lá vê o aumento de habitantes num lugar que já há muito não comporta mais — este o aspecto mais crucial e a origem dos males. Vê-se mais crianças atrofiadas física e mentalmente. Mais caras a dizer dum alimentação pobre como elas. Mais corpos semi nus, sujos, desfigurados, andrajosos. Mais vândios e ébrios, mais filhos sem pai. Mais promiscuidade, amontoando-se em pequenos quartos grandes famílias; e nestes, já não

é raro uma filha com um filho sem saber qual é o pai. Mais doentes. Mais inúteis. Mais seres anti-sociais. E no meio destas desgraças e misérias uns tantos a amealhar na exploração de tudo isto.

Também vemos mais famílias que heróicamente suportam esta condição de vida infra-humana numa resignação quase fatalista que todos lhes impomos por não olharmos para eles como cidadãos que podem e devem ser úteis à sociedade e à Pátria, e assim nunca o serão.

É verdade que também já se vê pelo Barredo crianças limpas e vestidas e outros sinais de elevação humana, fruto do Centro e de outras iniciativas assistenciais. Mas a raiz do problema mantém-se, pois o que se tem feito não atinge o mal nas suas causas.

Foi para reflectir sobre tudo isto e de como devo andar nesta herança que ele legou aos seus padres de sofrer com os que sofrem, que trouxe Pai Américo comigo.

Padre Abraão

Cont. da PRIMEIRA página

hã-de ser abrigados e hã-de ter a Casa do Gaiato como sua. Que põem nela a salvação.

Há dias, regressando do Lobito, um garoto de 14 anos nos fez paragem, a pedir boleia. Caminhava a pé. Ao parar, reconhecemos a cara já doutros encontros.

— Para onde vais?

— Pró Cavaco, foi a resposta.

Percebemos.

Do Lobito, ia a pé a saber se já tinha lugar na Casa do Gaiato. Não conhece o pai, não sabe da mãe. Não sabe ler. Tem 14 anos; 14 anos sem amor, é tempo suficiente para se compor uma tragédia.

— Que não, dissemos.

E o garoto ficou. Também não o vimos voltar atrás. Passadas algumas horas, ao sair novamente de Casa, encontro-o, avenida abaixo, de saca na mão, a caminho da Casa Mãe. Quem será capaz de resistir a tamanha força do garoto da rua? Quantos mais não há por aí? Temo-los à nossa frente, em cartas, em pedidos orais, em telegramas, pelo seu próprio pé...

Compreendeis, agora, porque não fizemos festa, à maneira do mundo, aquando da ocupação da Casa Mãe. Enquanto



nos sentirmos dilacerados por estas feridas abertas, não sentimos coragem.

A nossa força está aqui. Está no garoto da rua a clamar por aquilo a que tem direito. É ele que nos empurra. Que não nos deixa parar. Quem será capaz de resistir, a ponto de se não deixar vencer e agir como agiu quem se intitula «amiga dos gaiatos»: «Junto envio o meu modesto «foliar» — as minhas horas extraordinárias de Janeiro e Fevereiro». Mais que os 200\$00 a acompanhar estas linhas vale a atitude corajosa desta mulher. Desprende-se do que chama «extraordinário» porque o ponto de referência são os que nada têm.

A esta juntamos outras presenças: 500\$00 da Catumbela, mais 50\$. Um jovem do Lobito veio com 300\$. Igual quantia depositada em nossas mãos, mais 100\$. De um rapaz inquieto, à busca da felicidade, 20\$. Outros 500\$, de Benguela. E outros 500\$ também de Benguela. «Eis um grande sacrifício que constantemente ofereço a Deus: o sacrifício de não poder dar mais: 20\$». De pessoa muito amiga 500\$. Roupas e mais coisas. Pelas mãos de um vendedor 1.000\$00. De uma jovem 1.500\$00, metade do 1.º ordenado recebido de 3 «amiguinhos» 50\$00 e 500\$ do Lobito. Bem hajam.

Padre Manuel António

Pequeno Relatório

Aqui Oriente Português, África Negra, terra de almas tão puras e límpidas como o Ocidente europeu. Tudo igual, menos a cor da pele. Os mesmos encantos e, em vários sectores, mais beleza. Mais dificuldades, mas também maiores alegrias!... Tudo nos dá mais espontânea compreensão da Natureza, em sua maneira de ser, em seus costumes, até na expressão do seu sentir a falta de Amor, Verdade e Justiça que abunda no mundo. Tudo nos convida a considerar as omissões em que vivemos, ao longo de séculos. Já o tinha constatado quando servi aqui com uma farda e arma na mão. Hoje, com uma arma mais poderosa, servindo algo de valor infinitamente superior, o Santíssimo Nome de Jesus, não posso deixar de afirmar o mesmo. Demos Verdade, nua e crua, Justiça, Amor — e todo o Bem será consumado.

Posto isto, quero dizer-vos que temos meio ano de arraias montados. Pouco tempo para nos sentirmos alguém no meio desta imensa terra, onde demasiado impera ainda o materialismo. Virá a hora em que se acordará para algo que o orgulho e egoísmo não permitiram que se visse quando houve quem indicasse o caminho verdadeiro.

Temos a consolação de poder dizer aos nossos Amigos que, com a sua ajuda, estão já cerca de mil contos trabalhados neste capinzal do vale

do Infulene. De onde vieram e ao serviço de quem? Vieram de particulares, simples, anónimos... ao serviço de Cristo presente nos mais pequenos, nos mais abandonados. Foi na modéstia e no abandono à Vontade do Pai que Ele apareceu no mundo; do mesmo modo devem ser quantos a Ele se dedicam e pela Seu Reino trabalham.

Foi uma carrinha posta em nossa casa desde a hora em que se pensou vir para Moçambique, no valor de mais de uma centena de contos. Foi um tractor com zero quilómetros, entregue nas nossas mãos, com livrete e mecânico assistente. Ainda da mesma firma um catapiller a trabalhar em nossa casa mais de um mês com assistência técnica constante sem cobrar um centavo. É uma outra firma que nos dá um camião usado. Precisava de ser calçado... Pois duas casas da especialidade comprometeram-se a dar a mão d'obra e duas fábricas de borracha o material e uma delas ainda se dispunha a pagar o trabalho com matéria prima. Mas, depois de calçado de novo, surge necessidade de consulta ao motor. Aparece o médico que faz a aplicação necessária. Fui com o Sr. Padre Zé e assisti à entrega do dito camião depois de assistido e tratado. Que simplicidade a daquele Snr.: Fugiu, furtando-se a agradecimentos! Que vale mais — o dinheiro dado naquela assistência técnica,

ou a maneira espontânea e delicada como foi prestada? Deixo ao vosso critério.

Não se vive sem água e eis que se nos apresenta esse problema. Foi-nos dito qual a repartição oficial que trata de furos artesianos. Batemos à porta e tudo boa vontade: «que sim senhor, mas não já». Na altura em que foi possível aparecem a dizer que podia ser agora, mas era preciso um depósito de mais de sete dezenas de contos!... Onde tanto dinheiro? Estávamos com esse problema quando apareceu uma Senhora muito amiga que nos consegue para já um furo (que está feito) e promessa de mais dois. Quanto nos tem feito esta Senhora, que vive com todo o seu tempo tomado, mas que consegue arranjar sempre um pouquinho para nos dar e dar aos outros o exemplo que arrasta! São alfaias agrícolas de duas firmas muito conceituadas. E um atrelado para o tractor, oferecido pela firma construtora. São os 20, 50, 100 escudos, com o vosso sacrifício, que também estão englobados na soma acima citada. Rosas lindas e belas a que não faltam os espinhos!

Fizemos dois pedidos oficialmente... e vieram indeferidos. Indeferidos, «por falta de apoio legal»?... Quem somos nós e que estamos nós fazendo aqui? Se todos nos amam e ajudam por amor a um Moçambique melhor,

Continua na QUARTA página



Oscar, Ilda e Paula Alexandra, em sua casa, no Luabo.

Aqui, LISBOA

Cont. da PRIMEIRA página

cia» de moço de taberna, a vender copos de vinho ou a servir refeições numa casa de pasto da Capital, traz-nos à mente, para lá do seu caso pessoal, o drama vivido por centenas de crianças vindas da Província que, do raiar da aurora até altas horas da noite, em autênticos trabalhos forçados, são vítimas da desumanidade de patrões sem escrúpulos. É assunto a merecer a atenção das Autoridades, a que não podem doer as mãos quando se levantam problemas da natureza do enunciado. Quantos jovens dos dois sexos, de tenra idade, não vivem como que sequestrados, como se os patrões fossem seus donos, definhando precocemente? Trabalho desproporcionado às forças e excessivo na duração; alimen-

tação não raro deficiente; alojamentos sem ar e sem luz, impróprios até para os irracionais. Eis o quadro de vida de muitos irmãos nossos, de tenra idade, à espera da nossa reacção de homens e de cristãos.

O «Piloto» fugiu e voltou. Entretanto, no fluxo e refluxo dum Casa como esta, partiu à aventura o «Ferro-Velho», da mesma idade. Não quis ficar na barraca da mãe e, de jornal debaixo do braço, foi dizendo que havia muitos quartos para alugar... Aguardamos. O tempo é o grande mestre e não há nada mais valioso para apreciar o bem que se teve um dia do que a sua ausência. O pior é que há situações irrevoráveis e, neste caso, o grande culpado não é o «Ferro-Velho».

Padre Luís



PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Chegou mais um dos nossos que tem estado em Moçambique ao serviço da Pátria.

Esta foi a vez do Horácio.

Demos graças a Deus, pois, como os outros, ele cá está são e salvo. Trouxe com ele um pretinho de dois anos, para a nossa comunidade, e que foi um motivo de alvoroço e alegria.

No dia seguinte ao da sua chegada, todos queriam ver o senhor tenente, mas não se podia perturbar o sono deste, pois tinha chegado bastante tarde.

Portanto, só ao meio dia, quando já estávamos a almoçar, é que a maior parte de nós pudemos ver o Joãozinho, pois é este o seu nome.

Todos parámos com a refeição e os olhos todos se voltavam em direcção da porta. Mas como o Francisco José, filho dum dos nossos casais, também lá estava, houve logo fita e de tanto rir, iam quase enchendo a barriga de gargalhadas, em vez de comermos as batatas com bacalhau que era o nosso almoço do dia.

Ora o Joãozinho ainda não estava baptizado e por isso preparámo-nos para o grande dia.

Esse dia foi o do passado domingo em que se realizou o seu baptizado na Igreja de Miranda do Corvo.

Para isto, vieram alguns militares, colegas do Horácio e muito amigos do Joãozinho, que, como eles disseram, estavam ansiosos pelo grande dia, e um pequeno grupo de senhoras, umas das quais era a madrinha.

Como é de ver houve rancho melhorado, e como tínhamos trazido algumas guloseimas, que nos deram os nossos amigos na nossa festa em Leiria, aquilo foi fácil de arranjar.

Depois, fotografias daqui, fotografias dali, e os nossos visitantes tiveram de se ir embora, continuando assim o domingo a correr normalmente, mas com mais um na família de Deus que foi o João Paulo de Deus Gaiato. Assim é o seu nome completo.

Ainda há pouco dissemos que tinha chegado mais um, e vamos agora dizer que partiu mais outro.

Desta vez foi o Joaquim que era há alguns anos chefe do nosso Lar.

O Joaquim partiu para Angola. O último que tinha partido, já aqui falámos nele. Foi o Fernando que seguiu para Moçambique.

Oxalá pudéssemos dar graças a Deus, pela chegada de todos que por lá andam, como o fizemos há pouco pelo Horácio.

Há já algum tempo que começo a sementeira das batatas. Já semeámos o Olival dos Poços e agora cantamos começar pelas terras cá de baixo.

Mas ultimamente a chuva não tem deixado e por isso tivemos de parar um pouco.

Vamos a ver se o tempo melhora, e possamos continuar as sementeiras, pois já estão um pouco atrasadas.

Quanto às nossas oficinas de Serralharia e Carpintaria, não sei bem ao certo como as coisas vão correndo.

Quando lá vou de vez em quando, vejo pela carpintaria uns bancos para uma Igreja a tomarem forma, e pouco mais. Na serralharia, quase sempre a mesma coisa: Aguçar enxadas.

Fui há pouco ter com um carpinteiro e um serralheiro. O primeiro disse-me que além dos bancos, poucos trabalhos mais havia; e o segundo, que não havia quase nenhuns.

Vejam os amigos que a coisa não vai a correr bem e por isso eu mais uma vez trouxe o assunto ao cimo da água.

Mais uma vez vos pedimos trabalho para as nossas oficinas, e desde já vos agradecemos.

Francisco José

SETÚBAL

Estava eu, num destes dias, a comer no Lar umas belas batatas, quando de repente e sem ninguém esperar, me cai um copo cheio de água em cima dos sapatos. Infelizmente, estavam rotos e a água foi beijar-me os pés. Fiquei aborrecido e encarei o sapateiro n.º 1 (o conhecido sapateiro de «queda alta»). Não tens sapatos que me dêes pois estes são uma miséria? — perguntei-lhe eu. Surgiu imediatamente um não seco. E fiquei a pensar: — Vou escrever a pedir sapatos. Tem que ser. E pronto! Não terás alguns pares à «boa vida»? Tens?... Então, envia-os, por favor.

Os leitores já vêm a nossa estrada nova? Toda alcatroada e à roda da casa tem feito um grande jeito. Livra ao mesmo tempo, a casa das sujeiras.

OBRAS — Gosto tanto de os ver com os baldes às cordas a encher placas! Sabe-me a trabalhar. Contemplo as oficinas já feitas e a trabalhar «com toda a força». Elas são fruto de muito suor dos nossos rapazes. Por isso, sabe bem contemplá-las.

O Lar ergue-se, de modo idêntico ao das Oficinas. Está quase completo. Os rapazes têm nele de novo, a sua parte.

Caros leitores, podem ver assim o que é a Casa do Gaiato! Formada por rapazes que ontem eram farrapos e hoje são, muitos deles, se quiserem, homens úteis. Amanhã poderão ser bons chefes de família.

A NOSSA FESTA — No passado dia 24 de Abril realizámos a nossa festa anual. Foi um êxito a começar pelo público amável que enchia quase por completo o Luísa Tódi, até aos «batatinhas» de Setúbal que se portaram como grandes artistas. Quando entrei no Luísa Tódi para ver a festa pensei: dá gosto ser pobre porque há já felizmente muitas pessoas que olham para os Pobres. Às vezes ponho-me a pensar como seria o mundo se fôssemos todos como Cristo foi; nascendo numa gruta deitado numa simples palhinha aquecido pelo bafo dos animais. Pois se assim o Pai fez porque não havemos nós os filhos de fazer!...

É verdade!, se a humanidade não fosse dura de ouvido e de coração desde os nossos primeiros pais até aos nossos dias. Mas a maior parte dos homens é levada pelas paixões do mundo e dos bens que ele tem e continua a não ouvir a Palavra, a não sentir a Vida, julgando assim amar a sua vida. Infelizmente perdê-la-á. É a diabólica ilusão de tantos homens presos a este mundo. Esquecendo os outros, lembrando e pondo em prática apenas as más paixões, nunca lembrando que um dia serão pó e que a sua vida não apenas esta, mas sim também a vida eterna. Há dias o Sr. Padre do Montijo falou-nos que para sermos felizes não basta apenas sermos ricos. Basta, sim, ajudar os outros a levar a sua cruz, a fazer dos seus problemas os nossos. Custa? Pois custa. Doi. Pois doí. Mas a dor é que cura e esta faz doçura. Nós encontramos no dia a dia da nossa vida tanta miséria, tanta vaidade, tanto orgulho, tanta falta de respeito pelos mais fracos!

Isto tudo porque não se ouve e não se aplica a Palavra de Deus. Estas coisas acontecem por não se ligar ao Cristianismo. O Sr. Padre do Montijo ainda nos disse que muitos ricos gostavam de ser pobres, porque os Pobres trabalham e o trabalho bem feito dá alegria. O trabalho é o alicerce seguro de uma boa educação. A grande dificuldade de muita gente

resulta essencialmente de não terem nada que fazer. É fácil constatar o facto. Os vadios excêntricos que abundam para aí, aqueles que se encoimam às paredes a ver quem passa ou gastam o tempo a andar de um lado para o outro, provocando o próximo, ou se instalam à mesa de um café horas e horas sem terem nada que fazer. Vivem e comem do que lhes dão ou arranjam aqui e além talvez menos licitamente. Até sob o ponto de vista económico são um peso. Educar é difícil sem dúvida; mas sem educação não será viável uma juventude sã e autêntica. Formar homens dignos e capazes do dia de amanhã, para uma sociedade cada vez mais bela e feliz. Do que cada um de nós fizer, ou deixar de fazer, somos os primeiros responsáveis.

RUI

Pequeno Relatório

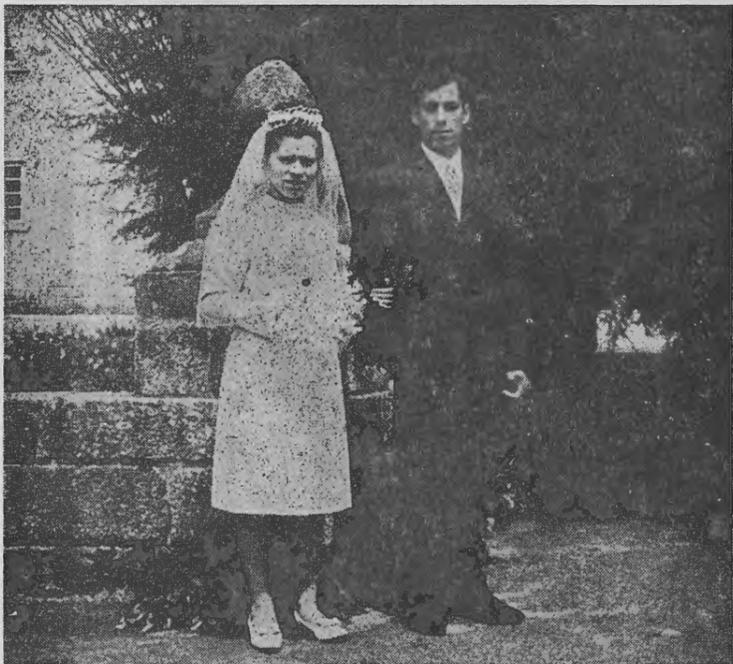
Continuação da TERCEIRA pág.

que fazem aqueles, que por profissão devem servir tal objectivo?!

Com tudo isto, a grande parte da nossa sobrevivência vem destas duas pequenas folhas de papel, que são imensamente grandes pelo seu valor espiritual. A sua venda tem-nos garantido o pão de cada dia. Com os dois ou dois mil e quinhentos que dáis pelo nosso jornal, nos escritórios, ruas ou igrejas, sois vós que nos ides ajudando a levantar aqueles que são vossos. Estamos com os 2.800 jornais vendidos quinzenalmente, fora os assinantes, mas esperamos atingir os quatro mil quando o Povo de Moçambique quiser.

Lourenço Marques, Maio de 1968.

QUIM



O Armando e a Alzina, depois do casamento



Ainda no ventre de sua mãe ficou sem pai, que faleceu tuberculoso. Com meses de vida, perde a mãe, que igualmente é ceifada pela mesma doença do marido. Pai Américo recolhe-o na Casa de Miranda. Não tem ninguém. Tem um ano. Cresce. Transita para Beire, onde revela interesse e gosto pela pecuária.

— «Senhor padre, eu é que sou da Obra. Não tenho ninguém. Nunca me mande embora» — pedia ele aos vinte anos de idade.

Zeloso na tarefa a que se propôs dedicar, é ele quem cuida do nosso gado há anos.

Não admira, pois, que ame a Obra que o criou. Não admira que queira servir a Obra que o amou!

Hoje, diante do altar, uniu sua vida à noiva que Deus escolheu para ele e com a qual vai passar a viver na nossa quinta de Beire.

A Obra cresce. Mas o amor dos filhos por ela cresce também. E neste crescer todos se enriquecem mais: ela e eles.

Padre Baptista



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

QUEIMA DAS FITAS

É já tradição os estudantes da Universidade do Porto marcarem um dia no calendário da Queima das Fitas para um pedidório público a favor da nossa Obra. Por isso mesmo, deslocámos alguns rapazes dos mais pequenos, no passado dia 10 de Maio, à cidade Invicta. Muito antes da hora marcada para o combóio, o despertar, na nossa Aldeia, foi alvoroçado por uma frenética algazarra dos que faziam parte do «dia de beneficência» da Queima das Fitas.

Partimos no combóio das 6,30 horas. Eu fui destacado para guiar e acompanhar o grupo. À chegada a S. Bento, tomámos um suculento pequeno almoço, oferta tradicional do «Café Imperial», cuja amizade é tão velha como tantos os

anos de vida da «Obra da Rua» em Paço de Sousa. Com muito custo, mas radiante por ver todos os meus colegas bem dispostos, conseguimos chegar à Faculdade de Letras! Esperavam-nos um magote de estudantes e suas simpáticas colegas. A malta, depois, percorreu a cidade de ponta a ponta. E, como é costume, a Invicta recebeu e acolheu todos de braços abertos. Viva o Porto!

O dia terminou bem, como era de prever. Agradeço a generosíssima colaboração de toda a Estudantada, em especial dos finalistas que acompanharam os nossos rapazes.

Muito obrigados. E até ao ano se Deus quiser.

António Manuel Sanches